

A FAMÍLIA COMO UM AGENTE TRANSFORMADOR DA VIOLÊNCIA: EMPREGANDO PRÁTICAS POSITIVAS

Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams¹

A família é o mais poderoso sistema de socialização para o desenvolvimento saudável da criança e do adolescente (Coatsworth, Pantin & Szapocznik, 2002). Tal sistema poderoso:

- ✓ Pode ser modelo de práticas coercitivas, ensinando a criança a usar a violência como instrumento de solução de problemas, ou
- ✓ Pode ser um modelo de práticas de resolução de problemas sociais, ensinando à criança habilidades pró-sociais típicas de uma verdadeira cultura da paz.

O exercício da paternidade e maternidade consiste em uma série complexa de habilidades, fortemente influenciadas por nossa história de vida e os modelos familiares que tivemos. Daí a grande preocupação de pesquisadores e agentes sociais com a interrupção do ciclo da violência, também denominado o fenômeno da **intergeracionalidade** da violência.

A notícia encorajadora é que podemos reaprender a ser pais e mães, não necessariamente reproduzindo erros graves do passado. Uma simples reflexão sobre quais foram as práticas parentais de nossa família de origem pode ser uma estratégia para mudança, levando o pai a se perguntar: *“como é que eu não pensei nisso antes? Meu pai me cobria de pancada e eu odiava isso. Por que estou reproduzindo esse modelo com meu próprio filho?”*.

Reverter práticas parentais inadequadas, não é uma tarefa simples, principalmente se os fatores de riscos forem múltiplos, como aqueles envolvidos na situação de pais que vivem em situação de pobreza e exclusão social; pais alcoolistas ou usuários de drogas; pais com deficiência mental ou com problemas psiquiátricos, etc. Entretanto, há diversas experiências de sucesso, tanto no exterior (ver, por exemplo, Webster-Stratton, Reid & Hammond, 2004), quanto no Brasil (apenas citando alguns estudos do LAPREV, ver Santos & Williams, 2006; Ormenô & Williams, 2006; Cia, Williams, & Aiello, 2005).

¹ Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams - Professora Titular aposentada do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), fundadora do LAPREV (Laboratório de Análise e Prevenção da Violência) que faz pesquisa, ensino e extensão sobre o enfrentamento e prevenção da violência, intrafamiliar e a violência na escola. Possui Pós-Doutorado pela Universidade de Toronto (Canadá), Doutorado em Psicologia Experimental (USP/SP), Mestrado em Psicologia pela Universidade de Manitoba (Canadá) e Bacharelado e Licenciatura pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP). Supervisionou alunos no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFSCar. Foi pesquisadora do CNPq (nível 1-A) e autora de diversos livros e artigos científicos, tendo recebido premiações nacionais e internacionais (as mais pertinentes "Práticas Exemplares numa Perspectiva de Gênero e Etnia em Saúde", da Organização Panamericana de Saúde, OPAS/OMS e Prevenção do Abuso Infantil da Women's World Summit Foundation em Genebra, ambos em 2009. Ministrou curso como professora visitante na Pós Graduação em Psicologia da Universidade de Mar Del Plata - (2010) e Universidade Nacional de Córdoba (2012), ambas na Argentina. Proferiu diversas palestras internacionais: na sede da ISPCAN (International Society for the Prevention of Child Abuse & Neglect), em Chicago, 2008, na sede da American Psychological Association em Washington, em 2009 e no Departamento de Psicologia da Southern Methodist University (SMU), em Dallas (2013). Teve diversas parcerias internacionais, como por exemplo com a American Psychological Association (APA) para validação no Brasil do programa ACT de treinamento de pais. Foi Vice-Presidente da Sociedade Brasileira de Psicologia (2009-2013). Foi Professora Visitante (Visiting Fellow) em Sidney Sussex College, Universidade de Cambridge, Inglaterra (janeiro-março de 2015). Eleita para o Conselho da ISPCAN - International Society for the Prevention of Child Abuse & Neglect, gestão 2016-2022.

As estratégias mais eficazes para tais programas de intervenção são baseadas em um modelo Cognitivo Comportamental (Sanders, Markie-Dadds, Tully Bor, 2000) e envolvem: o planejamento de aspectos motivacionais para maximizar a adesão e transporte dos pais aos programas de intervenção, utilização de técnicas de modelação, leitura e discussão de textos informativos, dramatização ou role-playing, apresentação de filmes e , principalmente, o vídeo-feedback (gravar a interação dos pais com a criança, mostrando, em seguida, o que está adequado ou inadequado). Tudo isso, inserido e compatível com o modelo ecossistêmico de intervenção, voltado para o aumento da rede de apoio da família e do seu empoderamento (Williams & Aiello, 2004).

Há consenso na literatura psicológica sobre as práticas parentais adequadas – que promovem um desenvolvimento saudável na criança – e as inadequadas. Segue-se uma sistematização de tais práticas (Williams, Maldonado & Araújo, 2008).

O estilo parental apropriado é caracterizado por:

- 1- Disciplina consistente – a criança sente-se segura a respeito de quais comportamentos e atitudes são aprovadas pelos pais e que consequências serão dadas quando surgirem comportamentos adequados e inadequados. Há regularidade ao manejo de consequências utilizadas para disciplinar a criança.
- 2- Os pais oferecem limites-justos e apropriados para seus filhos ensinando, desde muito cedo, que ação da criança será ou não tolerada em casa.
- 3- Os pais colocam regras firmes mas flexíveis para a conduta da criança, sendo tais regras transparentes, democráticas, coerentes e apropriadas para a etapa de desenvolvimento da criança.
- 4- Os pais supervisionam adequadamente o filho, preocupando-se, a todo momento, em saber onde ele está e, quando possível, o que ele ou ela está fazendo, e sempre com uma supervisão constante em relação aos conteúdos e tempos de uso das telas digitais.
- 5- As técnicas disciplinares utilizadas são não coercitivas, ou seja não há utilização de violência em qualquer hipótese.
- 6- A interação verbal da família é positiva, intensa e frequente: ou seja fala-se muito sobre temas neutros e prazerosos.
- 7- Há expressão de afeto intenso e frequente, seja por gestos ou por palavras.
- 8- Há uma baixa frequência de críticas à criança e, quando surgem, as crianças são construtivas, no sentido de apontar caminhos para a melhoria de desempenho.
- 9- Há um índice alto de reforçamento positivo de comportamento apropriado sob a forma de elogios e palavras de reconhecimento.
- 10- Sempre que possível, os pais ignoram ou minimizam os comportamentos inadequados da criança, mas ficam alertas na observação das possíveis causas.
- 11- Quando surgem problemas, a família os enfrenta com base em estratégias criativas e pacíficas, com base no diálogo.
- 12- Jamais há lugar para a violência grave, em tal família, em qualquer hipótese.

- 13- Os pais fazem esforços para não fazerem ameaças a seus filhos, cumprindo de modo justo o que foi acordado e combinado antes.
- 14- Os pais reconhecem e validam os esforços do filho ou da filha em melhorar.
- 15- Há muito sorriso em tal família e lugar para boas gargalhadas.
- 16- Os pais afagam e demonstram carinho pela criança, conforme normas culturais aceitas.
- 17- Há diálogo frequente entre os familiares, com facilidade de comunicação.
- 18- A atitude de ouvir o que a criança tem a dizer é fortemente e sempre encorajada.
- 19- Há um grande exercício em demonstrar empatia pelo outro, por parte dos membros da família.
- 20- Há uma utilização restrita de sarcasmo para se referir à criança, a não ser no contexto de brincadeiras.
- 21- Os pais dão modelos apropriados para a criança espelhar-se (modelos positivos de parentagem)
- 22- Os pais minimizam brigas e discussões na frente dos filhos e, quando surgem conflitos, não há o emprego de violência.
- 23- Os pais ensinam comportamentos e atitudes morais para a criança, ensinando, desde cedo, o que é certo e o que é errado, do ponto de vista da família e da sociedade, de forma compatível com os Direitos Humanos e com a ética do respeito a cada um.
- 24- Os pais ensinam à criança a ter uma alta resistência à frustração, de forma que o filho ou filha se transforme em um adulto emocionalmente maduro.
- 25- Os pais têm curiosidade e interesse pela etapa de desenvolvimento do filho, respeitando-a.
- 26- Os pais estimulam a independência da criança, de modo seguro e apropriado à etapa do seu desenvolvimento.
- 27- Os pais encorajam amizades apropriadas para seus filhos.
- 28- Os pais zelam pela saúde de seus filhos, buscando ajuda profissional de pediatra ou psicólogo/a quando necessário.
- 29- Os pais participam ativamente da carreira escolar do filho, encorajando-a a ser melhor aluno possível.
- 30- Os pais têm expectativa sadias e realistas dos filhos ou das filhas.
- 31- Os pais “esfriam a cabeça” antes de conversar ou disciplinar a criança, quando ela fizer algo muito inapropriado.
- 32- Os pais cuidam de sua própria saúde e bem estar.
- 33- Os pais dão amor incondicional ao filho ou filha, o que pode ser definido operacionalmente pela regra *“Em qualquer situação (mesmo na pior hipótese) eu estarei do seu lado, dando apoio, embora isso não signifique que eu concorde quando você apresentar um comportamento inapropriado”*.

Trata-se de uma listagem exaustiva, mas, de antemão, percebe-se o quanto é complexa a interação entre pais e filhos. Em relação ao comportamento parental inapropriado, a cada atividade positiva o inverso seria o verdadeiro. Por exemplo: 1) a disciplina parental é inconsistente, oscilando conforme o humor momentâneo do pai ou da mãe; 2) em oposição a limites justos, teríamos famílias permissivas ou excessivamente rígidas; 3) há a utilização caótica ou incoerente de regras; 4) inexiste a supervisão do filho (nunca sabe onde ele se encontra) ou a supervisão é estressante (quer saber a cada segundo onde o filho está, o que hoje é facilitado pelo uso do celular, de forma a não promover a independência); 5) há o uso de práticas violentas ou negligentes; 6) não se ensina a criança a tolerar pequenas frustrações, mimando-a de forma inadequada, etc.

Em conclusão, não devemos nos sentir desanimados frente à complexidade da tarefa de ensinar habilidades parentais a famílias de risco. Há sempre lugar para o otimismo na capacidade do ser humano de transformação e mudança. Adicionalmente, hoje sabemos quais os comportamentos parentais que favorecem o surgimento de indivíduos ajustados, felizes e produtivos. Por incrível que pareça, não se sabia nada disso de forma sistemática, com resultados apoiados em dados sólidos de pesquisas, no século passado.